

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, W. M. J. The category "consciousness": some reflections based on sociohistoric psychology. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 110, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01001574200000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01001574200000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em : 16 de Outubro de 2006.

AGUILLAR, M. & BIZE, REBECA. **Pedagogia da Diversidade**. Edição dos autores. Santiago, Chile, 2002.

ALLWRIGHT, D. **The notion of progress in research on language teaching and learning**. Manuscrito não publicado. Lancaster University, UK, 2000.

\_\_\_\_\_. **Bringing Classroom Language Learning to Life**. Manuscrito não publicado. Lancaster University, UK, 2002.

\_\_\_\_\_. **Exploratory Practice: re-thinking practitioner research in language teaching**. **Language Teaching Research**, 7, 2:113-142.2003a.

\_\_\_\_\_. **Why Social Science Research needs to be practitioner research: Arguments for “Exploratory Practice”**. Manuscrito não publicado. Rio de Janeiro, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Six promising directions for Applied Linguistics**. Manuscrito não publicado. Lancaster: Lancaster University, 2003c.

\_\_\_\_\_. **Exploratory Practice and Academic Research: the nature of Inter-Relationship**. Manuscrito não-publicado. Rio de Janeiro, 2003d.

AMMAN, L. **Autoliberação**. São Paulo, Expressão da Liberdade, 2002

ANDREOTTI, A. L.. O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). **Educação Social**, v. 26, n. 93, Campinas, 2005. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000400023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400023&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Feb 2007. Pré-publicação.

ANTONIO, Juliano Desiderato. A relação entre tipo de predicado e tipo de oração em narrativas orais e em narrativas escritas do português. In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 26(I) 89-94, Maringá, 2004

AURÉLIO, M. **Meditações**. São Paulo, Martin Claret, 2001.

AZEVEDO, D.M & MILLER, I. K. **Você vai ser nossa professora no ano que vem ? : trabalhando para entender a sensação de prazer e sucesso vivenciada por alunos de língua inglesa e sua professora**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro.2005.

BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. In : **Calidoscópio**, vol.3 (2) .São Leopoldo: UNISINOS,2005.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido : sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

BODEI, R. **A História tem um sentido ?** São Paulo : EDUSC, 2001.

BRUNER, J. Life as a narrative. In: DYSON, A H., GENISHI, C. ( org.). **The Need for Story – cultural diversity in classroom and community**, 2004.

BRUNER, J. **Actual minds, possible worlds**. Cambridge, Harvard University Press, 1986.

BURKE, P. Abertura : a nova história, seu passado e seu futuro. In : BURKE, P. (organizador). **A escrita da história : novas perspectivas**. 7-37. São Paulo, UNESP, 1992

CASAS, E. **Humanismo y nihilismo**. Publicação do autor. Disponível em: [http://www.sextocontinente.org/archivo/Pensamiento\\_universal/Filosofia/Humanismo\\_y\\_nihilismo\\_EdeCasas.rtf](http://www.sextocontinente.org/archivo/Pensamiento_universal/Filosofia/Humanismo_y_nihilismo_EdeCasas.rtf). Visitado em : 22 de Dezembro de 2006.

CAVALCANTI, Marilda. Applied Linguistics – Brazilian Perspectives. In: **AILA Review**, 17, pp.23-30 , 2004.

COBOS, M. L. R. **Obras Completas**. California: Latitude Press. 1993.

\_\_\_\_\_. **Psicologia IV**. Conferência no Parque Las Rejas. Manuscrito não-publicado. Buenos Aires, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cartas a meus amigos –sobre a crise pessoal e social no momento atual**. Edição do autor. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. La curación del sufrimiento, conferência. Punta de Vacas, Mendoza, Argentina, 1969. In: **Habla Silo – Recopilación de Opiniones, Comentarios y Conferencias**. Buenos Aires : edição do autor, 1997.

COIMBRA, C. LEITAO, M. B. S. Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades. **Psicologia Social**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2003. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822003000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822003000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 16 de Outubro de 2006.

CUNHA, M.I.A. **A Prática Exploratória na Clínica de Aprendizagem de Língua Inglesa**. XIV Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, UNICAMP, 2003.

DANTAS, M.T.L. & CABRAL, L.B. **Redesenhando estórias: estratégias discursivas e construção de identidade nas narrativas de uma paciente psiquiátrica.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, 2000.

DUSZAK, A. (organizadora) **Us and other. Social identities across languages, discourses and cultures.** Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2002. (Introdução).

DUTRA, D. P.; MELLO, H. Narrativas de aprendizes: metáforas perceptuais sobre ensino/aprendizagem de gramática. In: **Cadernos de Resumos do 140 InPLA - PUC-SP**, 2004.

DYER, J. & KELLER-COHEN, D. The discursive construction of professional self through narratives of personal experience. In: **Discourse Studies** Vol. 2 (3) : 283-304. London, Thousand Oaks ( CA) and New Delhi. SAGE Publications, 2000.

ERGAS, D. **La Mirada del Sentido.** Santiago: Catalonia Cadaqués Pensamiento. 2006.

\_\_\_\_\_. **El sentido del sinsentido.** Santiago: Catalonia Cadaqués Pensamiento. 2004.

FABRÍCIO, B. F. & BASTOS, L. C. **Implementação de mudanças no contexto educacional: discursos, identidades e narrativas em ação.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC. Rio de Janeiro, 2002.

FALCÃO, E. S. & MILLER, I. K. **“My teacher...He is a mirror for [sic] to me.” A construção da identidade profissional de um aluno-professor.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, L.H.G. **Enredar: A arte de organizar encontros**. Publicação da autora. Portugal. Disponível em: <https://bocc.ufp.pt/pag/guimaraes-luiza-helena-arte-organizar-encontros.pdf>

FIGUEROA, P. **La guida interna ( Testimonianze)**. Milão, Multimage, 2006.

FIORINDO, P.P & MELO, L.E. **Em torno da narrativa/ narração : a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral**. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15122005-141613/>. Visitado em: 12 de Outubro de 2006.

GERGEN, K. J. & GERGEN, M. M. Narratives of the Self. In : HINCHMAN & HINCHMAN (organizadores) **Memory, Identity, Community: the Idea of Narrative in Human Sciences**. 161-181. Albany, State University of New York, 2001.

GIMENEZ, T., ARRUDA, N. I. L., LUVUZARI, L. H. Procedimentos Reflexivos na Formação de Professores : uma análise de propostas recentes. **Intercâmbio LAEL**, PUC-SP. Disponível em : [www2.lael.pucsp.br/intercambio/13/Telma\\_Gimenez.pdf](http://www2.lael.pucsp.br/intercambio/13/Telma_Gimenez.pdf). Visitado em : 22 de Maio de 2006.

HAESBAERT, R. **Espaço e Construção Identitária : Da Reclusão Essencializada ao Hibridismo Multiterritorial**. Plenária no II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Rio de Janeiro, 2006.

HSIEH, E. Stories in Action and the Dialogic Management of Identities: Storytelling in Transplant Support Group Meetings. In: **Research on Language and Social Interaction** 37 (I), 39-70. Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

KROCH, A. Dialect and style in the speech of upper class Philadelphia. In: **Towards a social science of language**, Amsterdam, Benjamins, 1996

KUHLMANN JR., M. (Resenha) Heywood, Colin. Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no ocidente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 239-242, 2005.

KUMARAVADIVELU, B. Critical Classroom Discourse Analysis. **TESOL Quarterly**, vol.33, n.3, 1999.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the Inner City**, 352-96, Philadelphia, University of Pennsylvania, 1972..

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (organizador). **A escrita da história: novas perspectivas**. 133-164. São Paulo, UNESP, 1992

LINDE, Charlotte. **Life stories. The creation of coherence**. New York, Oxford University Press, 1993.

MELMAN, C. & LEBRUN, C. P. **O Homem sem Gravidade – gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2003.

MILLER, I. K. & ALLWRIGHT, D. **Researching Teacher-Consultancy via Exploratory Practice: A Reflexive and Socio-Interacional Approach**. Tese de Doutorado. Lancaster University, UK, 2001.

MISHLER, E. G. The analysis of interview narratives. In: Sarbin, T. R. (ed.). **Narrative Psychology**, 233-255. New York, Praeger, 1986

\_\_\_\_\_. **Historians of the Self : Restorying Lives, Revising Identities**. In: **Research in Human Development**. I ( 1&2), 101-121. Laurence Erlbaum Associates, 2004.

MOITA LOPES, L.P. **Identidades Fragmentadas – a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** São Paulo, Mercado das Letras.2002

MORAES BEZERRA, I. C. R. & MILLER, I.K. **Discurso da Reflexão e da Conscientização Profissional: A Contribuição da Prática Exploratória.** Manuscrito não publicado. Rio de Janeiro, 2004.

MORAES BEZERRA, I. C. R & MILLER, I.K. **O espelho do discurso: Conversas reflexivas de professores.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro. Em andamento.

MOREIRA, A. R. L. Notes on the concept of conscience in Merleau-Ponty's phenomenology. **Estudos em psicologia**, Natal, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X199700020012&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X199700020012&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 16 de Outubro de 2006.

MOURA, S.M.L. & GIESEL, C. **Cinema e Ensino : Perspectivas Interdisciplinares em um curso de inglês comunitário.** Monografia de Especialização em Língua Inglesa. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2005.

MYERS, E. A note on Collingwood's Criticism of Toynbee. In: **The Journal of Philosophy**, vol 44, 18, 485-489. Disponível em :[http://links.jstor.org/sici?sici=0022-362X\(19470828\)44%3A18%3C485%3AANOCCO%3E2.0.CO%3B2-7](http://links.jstor.org/sici?sici=0022-362X(19470828)44%3A18%3C485%3AANOCCO%3E2.0.CO%3B2-7). Visitado em: 21 de Julho de 2006.

NOVOTNY, H. **La dimensión humanista de la historia evolutiva universal.** Conferência apresentada no Congresso Processos de Auto-Organização na História Evolutiva. Belgorod, Rússia, 2001. Disponível em:

[http://www.sextocontinente.org/archivo/Pensamiento\\_universal/El\\_Sentido\\_de\\_la\\_Vida/La\\_dimension\\_humanista\\_HugoN.rtf](http://www.sextocontinente.org/archivo/Pensamiento_universal/El_Sentido_de_la_Vida/La_dimension_humanista_HugoN.rtf) Visitado em: 31 de Outubro de 2006.

OLIVEIRA, M. A de. Towards a social science of language - papers in honor of William Labov volume 1: variation and change in language and society. In : **DELTA**. [online]. 1999, vol.15, no.2 [cited 07 July 2006], p.373-410. Disponível na em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000200010&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-4450. Visitado em 7 de Julho de 2006.

OLIVEIRA, H. **Actividades de investigação na aula de matemática: Aspectos da prática do professor**. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998. Disponível em: [holiveira/index.htm](http://holiveira/index.htm). Visitado em: 7 de Julho de 2006

OLIVEIRA, M.C.L., BASTOS, L.C. A experiência de imigração e a construção situada de identidades. In: **Veredas**, vol.6 (2), 31-48. Juiz de Fora, 2002.

OLIVEIRA JR., M. **Padrão Entoacional e Pausa na Narrativa Oral**. Publicação do autor, 1995. Disponível em: <http://www.oliveira.tripod.com/pdf/padepau.pdf> . Visitado em : 15 de Abril de 2006.

OLIVEIRA JR., M. & MOREIRA DE SÁ, M. P. **A Avaliação na Narrativa de Experiência Vicária**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife, 1996.

ORTEGA Y GASSET, J. El ocaso de las revoluciones. In: Disponível em: <http://www.inep.org/content/view/3629/100/>. Visitado em : 22 de Janeiro de 2005.

ÖVERLIEN, C. & HYDÉN, M. Work Identity at Stake : the power of sexual abuse stories in the world of compulsory youth care. In : **Narrative Inquiry** 13 (I), 217-242. Amsterdam, John Benjamins, 2003

PRATT, D. Consciousness, Causality and Quantum Physics. In : **NeuroQuantology**, 1, 58-67, 2003. Disponível em: <http://www.ghostpi.com/Main%20Feature%20Folder/Neuroquantology.pdf>. Visitado em: 23 de Julho de 2006.

PULEDDA, S. **La crisis del Humanismo Historico y el Nuevo Humanismo**. Conferência apresentada na Universidade de La Sapienza. Manuscrito não publicado. Roma, 1996.

\_\_\_\_\_. **Manifestaciones Históricas del Humanismo**. Santiago, Virtual Ediciones, 1997.

PURCELL, D., MILLER, I.K., LYRA, I., LIMA, J., CUNHA, M. I., BRAGA, S., BRAGA, W. **Prática Exploratória: pela Qualidade de Vida na Sala de Aula**. Trabalho apresentado no 2º. Seminário Internacional de Educação. 2003.

SAKURAI, J.J., LIBOFF, R.L. Modern Quantum Mechanics. In: **American Journal of Physics** 54, 668, 1986. Disponível em: <http://link.aip.org/link/?AJPIAS/54/668/1>. Visitado em: 22 de Julho de 2006.

SARBIN, T. R. Embodiment and the narrative structure of emotional life. In : **Narrative Inquiry**, 11 (1), 2001.

SETTE, M.L.D. & MILLER, I.K. **A vida na sala de aula: ponto de encontro da Prática Exploratória com a Psicanálise**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro, 2006.

SENA, C. G. **Ensinando, aprendendo e pesquisando : professora e alunos trabalhando pelo entendimento da interação em sala de aula**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro, 2006.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In : BURKE, P. (organizador). **A escrita da história : novas perspectivas**. 39-61. São Paulo, UNESP, 1992

SNOW, D. **Collective Identities and Social Change**, Center for Democracy Studies, University of California, 1994. Disponível em : <http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>. Visitado em 15 de Setembro, 2005.

SPATE, O H. K. Toynbee and Huntington: A Study in Determinism. In: **The Geographical Journal**, vol.118, 4, 406-424. London, UK. Disponível em: [http://links.jstor.org/sici?sici=00167398\(195212\)118%3A4%3C406%3ATAHASI%3E2.0.CO%3B2-L](http://links.jstor.org/sici?sici=00167398(195212)118%3A4%3C406%3ATAHASI%3E2.0.CO%3B2-L). Visitado em : 21 de Julho de 2006.

STAPP, H. P. **The Role of the Observer in Contemporary Physical Theory**, 1999. Disponível em :<http://www-physics.lbl.gov/~stapp/QID.doc>. Visitado em : 23 de Julho de 2006.

STEVENS, B. Não apresse o rio ( ele corre sozinho). In : **Novas Buscas em Psicoterapia**, vol. 6. São Paulo, Summus, 1978.

TOLCACHIER, J. **Apuntes Estructurales**. Córdoba, Argentina :edição do autor. 2002.

TOYNBEE, A. **Um estudo da história**, vol. 1. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

VALINSKY, J. In : COBOS, M. L. R. **Cartas a meus amigos – sobre a crise pessoal e social no momento atual**. São Paulo, edição do autor, 2004 ( Introdução).

VELMANS, M. Consciousness and the “Causal Paradox”. In : **Behavioral and Brain Sciences**, 19 (3) : 538-542. Cambridge, 1996. Disponível em: <http://cogprints.soton.ac.uk/documents/disk0/00/00/05/96/>. Visitado em: 22 de Julho de 2006.

VON BORSTEL, C. N. O conflito étnico/cultural e interlingüístico de descendentes de poloneses. In: **Espéculo**, n.31, 2005. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html> Visitado em 25 de Junho de 2006.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**, 1934. Livro virtual. Disponível em : [www.ateus.net](http://www.ateus.net). Visitado em: 22 de Novembro de 2006.

WENGER, E. **Communities of Practice – Learning, Meaning and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WHITE, P. Valoração – a linguagem da avaliação e da perspectiva. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**, vol. 4, número especial, 2004

WOLF, F. A . The Quantum Physical Communication between the self and the soul. In : **Noetic Journal**, 1999. Disponível em:<http://pw1.netcom.com/~wolfpapers/myarticles/boxing%20the%20soul%20revised.pdf> Visitado em 24 de Julho de 2006.

**Livro da Comunidade**. Institucional. São Paulo, A Comunidade para o desenvolvimento humano. 2004.

**Teoria da Organização**. Institucional. Manuscrito não impresso. Rio de Janeiro, Movimento Humanista. 1969.

**Apostila para Orientadores Humanistas**. Institucional. São Paulo, Movimento Humanista, 2006.

7

## **Anexos**

## Anexo 1

### Respostas à APE 1 e marcação de estrutura avaliativa

#### SEQÜÊNCIA 1

#### FREQUENTACÃO RAFAEL/SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA

Gravada e transcrita

Legenda

*Avaliação externa*

Avaliação encaixada

#### **Aes avaliativas**

1	Teve uma vez... eu tava... eu costumo sempre juntar uns amigos
2	Meus, a gente vem aqui pra casa pra ficar jogando videogame,
3	O pessoal junta e fica a galera toda l jogando futebol, no
4	Videogame. E teve um dia... que a gente nem só fica jogando, n?
5	Come pizza, come esfiha, fica batendo papo e ai teve...rolou uma
6	Conversa, pessoal falando sobre futuro e tal... <b>Aí um desses meus</b>
7	<b>Amigos falou assim:</b> <u>“Porra, cara, eu... eu fico pensando eu</u>
8	<u>Velho...p, eu fico...me vejo tendo filho. Cláudio falou “Não !”.</u>
9	<b>E o Rafael... O Paulinho também não falou isso.</b> <u>“Ah !”, falou,</u>
10	<u>“Eu não me vejo tendo filho” e tal ...Depois, o Rafael falou:</u>
11	<u>“Não, eu... eu me vejo tendo filho, eu me vejo casando, vejo meu</u>
12	<u>Futuro.” Depois o Paulinho voltou e falou:</u> <u>“Porra, uma coisa que</u>
13	<u>... que ia me bater muito seria se o meu filho fosse gay, p, ia</u>
14	<u>Ser muito difícil” e tal. Aí o Rafael virou e falou:</u> <u>“ P, com</u>
15	<u>Certeza seria muito difícil”.</u> <b>Aí tinha um outro amigo também na</b>
16	<b>Sala e falou:</b> <u>“ P, eu também acho, acho que seria muito</u>
17	<b>Difícil”.</b> <u>Aí, eu comentei... falei: “Ah pra mim não seria muito</u>
18	<u>Difícil não porque...é... eu não teria muita dificuldade, o ... o</u>
19	<u>Maior problema seria que... seria ele, porque ele ia sofrer o</u>
20	<u>Preconceito, mas por mim não teria muito problema”.</u> <b>E aí,</b>
21	<b>Esse amigo, Daniel, falou :</b> <u>“Ah, não, é com certeza, pra mim</u>
22	<u>Também a maior dificuldade é porque meu filho ia sofrer</u>
23	<u>Muito, eu ia sofrer com ele” e tal. E aí, nesse dia aconteceu</u>
24	<u>uma coisa muito interessante, n?”. Houve uma discussão</u>
25	depois sobre isso, <b>o outro Rafael era meio contra, achava que</b>
26	<b>era um absurdo um homem...um filho ser gay e tal. Ele</b>
27	<b>ach...achou que...eu ia...queria que meu filho fosse gay,</b>
28	mas...ai... <u>uma coisa que eu achei muito interessante nesse dia</u>
29	<u>foi que o Daniel depois começou a me fazer varias outras</u>
30	<u>perguntas e... e percebi depois em vários outros momentos que</u>
31	<u>ele começava a me... ele me perguntava muito algumas coisa</u>
32	<u>assim, ele queria saber de mim porque que...quê que eu</u>
33	<u>achava...por qual motivo as pessoas viravam...porém depois quis</u>
34	<u>saber o que qu eu achava do César Maia investir tanto</u>
35	<u>dinheiro no Pan-americano. Depois ele queria saber porque que</u>
36	<u>ele se sentia frustrado quando jogava videogame e perdia. E</u>

37	isso... isso até foi no dia, esse do videogame... <b>E teve um outro</b>
38	<b>dia ele me parou para perguntar uma outra coisa super boba,</b>
39	<b>queria saber quantas dimensões existiam e eu acho muito</b>
40	<i>engraçado porque eu vi que para ele, isso eu percebi com</i>
41	<i>algumas outras pessoas também, fui virando meio que uma</i>
42	<i>referencia, uma pessoa a quem perguntar as coisas quando</i>
43	<i>tem alguma dívida, alguma coisa que ele quer saber. E... e</i>
44	<i>isso parece que vai acontecendo aos poucos, né? Depois...</i>
45	<i>Eu... eu sempre fui...tem muito tempo que eu conheço o Daniel,</i>
46	<i>há maior tempão, né? E... e percebi depois que eu entrei pro</i>
47	<i>Movimento Humanista, que eu me tornei um orientador, que</i>
48	<i>eu fui conhecendo outras ferramentas e fui me convertendo</i>
49	<i>realmente em um orientador da não-violência... prática, né?</i>
50	<i>...percebi que ele é... <b>que o Daniel e outras pessoas</b></i>
51	<b>começaram a ...a ... a...a ...me ver como alguém que</b>
52	<b>realmente podia orientar, podia e dar sugestões, dar idéias de</b>
53	<b>Como...da um...dizer como as coisas funcionam, dar</b>
54	<b>sugestões do que fazer, dar idéias realmente orientações, o</b>
55	<b>papel do orientador mesmo. E é muito engraçado porque eu</b>
56	<i>mesmo nunca me coloquei nessa posição para eles. Eles</i>
57	<b>mesmo... o Daniel, teve o Gabriel que eu já percebi, o Paulinho</b>
58	<b>também que eu já percebi um pouco. E é muito interessante</b>
59	<i>porque realmente não foi uma coisa que eu me coloquei para ser,</i>
60	<i>mas que teve uma transformação <b>foi percebendo um pouco</b></i>
61	<i>...com a pessoa diferente que eu fui me transformando eu, eles</i>
62	<b>meio que me começaram a me ver como uma referência assim, o</b>
63	<i>que para mim é um pouco esquisito, né?... porque eu não</i>
64	<i>tinha essa relação antes e de repente essa relação começa a</i>
65	<i>aparecer e aí é diferente.</i>

## SEQÜÊNCIA 2

### FREQUENTAÇÃO VALDIR/SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA

Gravada e transcrita

#### Legenda

*Avaliação externa*

Avaliação encaixada

#### **Ações avaliativas**

1	Bom, é...há alguns anos atrás <i>eu comecei a entender como é que</i>
2	<i>os modelos operam sem que a gente perceba...Eu numa reunião</i>
3	<i>de núcleo com o meu orientador, a gente tava conversando sobre</i>
4	<i>porque quê algumas tarefas específicas da função administrativa</i>
5	<i>que <b>outras pessoas na rede tavam tendo dificuldade de fazer e....</b></i>
6	<i>eu dizia que... comentava que eu informava as pessoas que elas</i>
7	<i>tinham que fazer, que eram as coisas mínimas da função</i>
8	<i>Administrativa e <b>ainda sim a coisa não fazia. Aí essa era uma</b></i>
9	<i>coisa que eu não, não entendia porque que isso acontecia.</i>

10	<i>Por que quê tudo que eu aprendi eu não tava conseguindo</i>
11	<i>transmitir. Então o Ricardo comentou comigo que... pra eu tentar</i>
12	<i>recordar Qual é... qual foi a condição de origem que eu fui</i>
13	<i>qualificado. Como é que o administrativo que me qualificou,</i>
14	<i>como ele me qualificou, pra eu tentar me lembrar e realmente eu</i>
15	<i>fui me lembrando que o Robby é que eu tive muito pouco</i>
16	<i>contato pessoal com ele, basicamente era contato via Internet,</i>
17	<i>mas o Robby...ele... todas as coisas que tinham que ser feitas ele</i>
18	<b><i>repetia quinhentas vezes, como se eu fosse um retardado. Eu me</i></b>
19	<i>lembro na época que eu ficava muito puto, né?, e comentava</i>
20	<i>com o Ricardo: “Pô, Ricardo, o Robby me trata que nem um</i>
21	<i>retardado ! Toda vez ele fala a mesma coisa.” Mas é... me lembro</i>
22	<i>que funcionou, né, porque...tudo que ele fazia, hoje eu faço</i>
23	<i>certinho na marca, nos prazos que tem que ser feitos, entendeu,</i>
24	<i>não furo com a passagem de dados, é, o tema do</i>
25	<b><i>Autofinanciamento a gente teve que organizar pra que a coisa</i></b>
26	<b><i>acontecesse no prazo certo... Então, na verdade, as coisa básicas</i></b>
27	<i>de calendário, hoje, tá muito... bem definido na minha cabeça</i>
28	<i>porque a minha condição de origem foi uma coisa assim, repetiu</i>
29	<i>várias vezes, porque, na verdade, não é uma coisa que é um</i>
30	<i>hábito, então... e aquilo tinha que ser algo que não podia falhar,</i>
31	<b><i>então o Robby era muito enfático, o tempo todo, o tempo todo, o</i></b>
32	<b><i>tempo todo...Ainda que ele soubesse que era uma pessoa que:</i></b>
33	<i>“Ah, não, ele sabe que tem que fazer isso.”, é pra que...talvez</i>
34	<i>seja para reforçar o modelo de que aquilo é algo que não pode</i>
35	<i>falhar. Então, na verdade, isso operou...operava em mim e eu não</i>
36	<i>percebia. Então foi aí que eu percebi que eu, na verdade, eu tinha</i>
37	<i>que ser com a minha rede administrativa recíproco como o</i>
38	<i>Robby foi. Se hoje eu sei algumas coisas básicas da função</i>
39	<i>Administrativa é porque o Robby, ele foi muito enfático em me</i>
40	<b><i>ensinar, mesmo que eu tenha, às vezes, na época, eu tinha essa</i></b>
41	<i>idéia sobre ele, que era uma pessoa chata que falava sempre a</i>
42	<i>mesma coisa. Hoje eu entendo porque ele fazia isso. Na verdade,</i>
43	<i>nem sempre o administrativo ele tem que...é...supor qual é o</i>
44	<i>óbvio das coisas, né? Você tem que falar como se nada fosse</i>
45	<i>óbvio, então, na verdade, eu vi que eu não estava sendo recíproco</i>
46	<i>com os administrativos na minha linha. Então, de forma que...por</i>
47	<i>que quê as coisas não aconteciam, por que quê a comunicação</i>
48	<i>era falha? Porque já começava falha a partir de mim. Certas</i>
49	<b><i>coisas eles não sabiam</i></b> <i>porque eu também não repetia o tempo</i>
50	<i>todo, falava uma vez...falava duas vezes...daqui a pouquinho</i>
51	<i>levava quinze dias para falar de novo, ou um mês para falar de</i>
52	<i>novo. Não era enfático. Então, deu pra perceber nesse exemplo</i>
53	<i>como é que um modelo forte opera na pessoa. E é isso.</i>

SEQÜÊNCIA 3  
FREQUENTACÃO ALICE/SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA  
Gravada e transcrita

Legenda

*Avaliacoo externa*

Avaliacoo encaixada

**Ações avaliativas**

1	Pois <i></i> , <i>teve um dia que foi muito interessante, n?</i> ... <i>teve um...</i>
2	vou contar um negócio agora pra vocês, n? ...que eu tava com
3	<b>uma pessoa me ajudando a qualificar meu setor apoio, n? Ela</b>
4	<b>tava vindo de Piabet, n?... que é longe, n?... prum projeto l</b>
5	<b>em Nova Iguaçu, cara ! Simplesmente, a figura tinha que</b>
6	<b>atravessar o Rio de Janeiro inteiro pra t l.....(incompreensível)</b>
7	e depois a gente fazer reunião com a garotada. E aí <b>ela tava indo</b>
8	<b>para lá justamente para qualificar essa pessoa que era muito</b>
9	<i>novinha, tinha acabado de entrar na confusão e além disso ela era</i>
10	<i>novinha, tinha dezesseis anos e tal. E fizemos nossa reunião</i>
11	(incompreensível) <i>tavamos discutindo projetos, como de</i>
12	<i>costume. A reunião transcorreu normal n?... natural, bem... e</i>
13	quando terminou a reunião a gente tava voltando pra casa,
14	n?... Voltando, as meninas indo pra casa, a gente tava indo pro
15	ponto de ônibus e no caminho n?... a gente na caminhada, <b>essa</b>
16	<b>pessoa que tava indo nessa história comigo n?... lá pra Nova</b>
17	<b>Iguaçu que vinha de Piabet e tal, tava muito decidida n?... no</b>
18	<b>que tinha que fazer, n?...afinal de contas era uma distância</b>
19	<b>tremenda que ela tinha que enfrentar...e aí ela foi muito clara</b>
20	<b>assim, né?... pra essa menina, com a imagem de ir para São</b>
21	<b>Paulo, pra um Fórum de Educao que ia ter l. E falava</b>
22	<b>assim...?</b> ”P, você gostaria de participar do Fórum? Você gostaria
23	de participar Fórum de Educao e tal, num sei que?” <b>E a</b>
24	<b>menina:</b> “Ah, onde é que vai ser?” “Ah vai ser em São Paulo”.
25	<b>Aí a menina:</b> “Ah, mas eu nunca fui a São Paulo, eu pra falar a
26	verdade poucas vezes eu sa daqui de Nova Iguaçu.” (risos) <i>Que</i>
27	<i>louco, n?</i> (risos) <b>Aí falou assim:</b> “Pxa, então, p como é que
28	<i>você acha que dá pra ir? Você tá a fim de ir e tal, num sei que?”.</i>
29	<i>Isso ela me contando, n?.</i> <b>Aí, a menina falou assim:</b> “Ah, eu tô
30	<i>sim, t a fim de ir.” e aí:</i> “Como é que é isso?” “Ah, eu to sem
31	<i>grana !”</i> “Ah, você não tem grana? Então, como é que você acha
32	<i>que você tem como resolver isso?”</i> “Ah, não sei !” <b>Ela falou:</b>
33	<i>“Então, conversa com a Alice, n? Ela pode t vendo, n? Aí v</i>
34	<i>o que é que...que a gente pode fazer pra gente gerar grana pra</i>
35	<i>você ir, n?”.</i> <b>Aí ela:</b> “T, então tá bom !” <b>E aí a menina foi pra</b>
36	<b>casa e nós voltamos juntas pro Rio. E aí ela me contou e tal,</b>
37	<b>como é que tinha sido e tal...Eu fiquei super feliz, n?</b> E a partir
38	daí a gente começou a desenvolver uma atividade, vendemos
39	uma rifa e tal, pra menina ir pra São Paulo. <b>Aí a menina foi,</b>
40	<b>n?... participou do Fórum e tal, voltou cheia de gás, super</b>

41	contente e pra ela foi super importante. Foi a primeira vez que
42	ela fez uma viagem, né?... importante, pra outro Estado. A mãe
43	autorizou, ficou feliz pelo fato dela ir também e ela ficou muito
44	feliz.

## SEQÜÊNCIA 4

## FREQUENTACÃO CLAUDIO/SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA

Gravada e transcrita

Legenda

*Avaliação externa*Avaliação encaixada**Aes avaliativas**

1	O que eu escrevi, né, e que eu vou começar a contar é uma...uma_
2	<i>estória que eu passei a me dar conta mais agora há pouco</i>
3	<i>tempo...né, de...é a estória dela mesmo que eu acho que é uma</i>
4	<i>estória que é legal. Que retrata o período que eu comecei a</i>
5	montar projetos de pré-vestibular a partir do conselho novo que
6	eu tava que eu...quando eu mudei, né, no Movimento Humanista,
7	de equipe, né? E aí no finalzinho da década de noventa eu
8	comecei a pesquisar junto com o Ricardo como é que aconteciam
9	os projetos de pré-vestibular na...em São Paulo e...daí a gente foi
10	pra lá, viu como é que era, conversou com algumas pessoas e
11	voltou pra montar. <i>O que me chamou atenção, que hoje me</i>
12	<i>chama atenção, é esse primeiro dia porque de todos os dias que</i>
13	<i>eu fiz inscrição, que eu montei projeto, que eu fiz isso, isso e</i>
14	<i>aquilo, tem muito gravado o primeiro dia do pré-vestibular, né,</i>
15	<i>como ele...como ele se deu, né? <b>Porque a gente trabalhava</b></i>
16	<b> muito, né, e...parecia que tinha um exército trabalhando e, mas</b>
17	<b>eram duas pessoas só...eu e a Viviane colando cartaz no</b>
18	<b>colégio...Fazendo assim a conta acho que a gente deve Ter tido</b>
19	<b>contato com umas 3000 pessoas, talvez. Se a gente levar em</b>
20	<b>consideração que a gente ia em colégios a noite e que em cada</b>
21	<b>colégio você falava com turmas de 40, você falava com dez</b>
22	<b>turmas por dia, às vezes, dá pra chutar isso...isso daí. E de fato eu</b>
23	<b>não podia imaginar o que...que daquele momento ali, daquele dia</b>
24	<b>que a gente convidou pessoas pra irem Sábado na UERJ fazer</b>
25	<b>inscrição que ia surgir um projeto que ia durar 6 anos...que eu ia</b>
26	<b>conseguir organizar por um bom tempo um grupo de pessoas ao</b>
27	<b>redor desse projeto, que eu ia ter <b>pessoas que estão comigo até</b></b>
28	<b>hoje ou como amigos, né, ou participando do Movimento</b>
29	<b>Humanista e que ia ser tão rico orientar, né, e que ia ser tão rico</b>
30	<b>fazer projetos organizar coisas com outros. <b>Basicamente o que a</b></b>
31	<b>gente fez foi colar cartaz, foi visitar colégios, dizer que havia um</b>
32	<b>pr-vestibular comunitário que se pagava 40 reais. Na época,</b>
33	<b>perdão, na época, não pagava nada pra para estudar, era tudo</b>
34	<b>grátis. A gente pedia uma...tinha uma taxa de material que eles</b>

35	<b>mesmo pagavam por conta própria, eles mesmo viam quanto é</b>
36	<b>que era de acordo com as xerox que cada um quisesse tirar, mas</b>
37	<b>não havia pagamento.</b> Depois a gente passou a cobrar 30 reais
38	por semestre. <i>E legal desse dia foi que a gente ficou o dia inteiro</i>
39	<b>com esses alunos e....a tarde inteira, vamos dizer de 10 da</b>
40	<i>manhã, pegando a manhã, até quase 3 da tarde e no final</i>
41	<i>terminou no bar, num bar em frente a UERJ, conversando sobre</i>
42	<i>um monte de coisas que nada tinha a ver com vestibular e...</i>
43	<b>algumas pessoas saíram dali, foram pra outro lugar que a gente</b>
44	<b>tinha como ponto de referência das equipes do Movimento e</b>
45	<b>tal...E hoje, até hoje, eu ainda tenho contato com 1 pessoa...com</b>
46	<b>2 pessoas que tavam nesse dia...que seguem ....como ou...como</b>
47	<b>colaboradores e outros mais presentes...E depois disso</b>
48	<i>num...jamais ia imaginar que...daquele dia, daquela...daquela</i>
49	<i>convocatória se abriam outros projetos de pré no Rio, na UFRJ,</i>
50	<i>com a metodologia que o Movimento Humanista coloca, né...que</i>
51	<i>a gente fazendo uma conta, se a gente conta durante esse período</i>
52	<i>todo quantas pessoas a gente atendeu, né...sem dívida mais</i>
53	<i>de...mais de 1000 pessoas só no nosso...fora o que o pessoal</i>
54	<i>que...da U, da U, do Fundão fez. E aaaaa, o barato legal dessa</i>
55	<i>história foi a organização disso tudo, foi você Ter organizado</i>
56	<i>previamente as coisas, Ter ido pesquisar é...Ter acreditado que as</i>
57	<i>pessoas iam dar aula, é...Algumas verdades que hoje todas as</i>
58	<b>pessoas, equipes, trabalham no Movimento Humanista de que as</b>
59	<b>pessoas vão trabalhar voluntariamente, de que não vai haver</b>
60	<b>problema delas terem que colocar grana, de que elas não vão</b>
61	<b>receber...Então acreditar nisso, né, colar cartaz pedindo professor</b>
62	<i>voluntário e dizer pra ele que ele não vai receber um tostão pra</i>
63	<i>dar essa aula...que, ao contrário, vai chegar e pedir para ele</i>
64	<i>ajudar economicamente, era...a utopia da utopia, ninguém</i>
65	<i>acreditava que a gente ia conseguir isso. É...vários alunos</i>
66	<b>desistiram nessa primeira entrevista, porque não acreditaram que</b>
67	<b>a gente conseguiria professor.</b> E a gente não só conseguiu Ter
68	professor como durante 5 anos <i>eu posso dizer que trabalhei com</i>
69	<i>3, 2 professores sempre com eles. E...abriu muito contato, muita</i>
70	<i>coisa legal. Então, e, e ver tudo isso hoje de longe assim depois</i>
71	<i>de quase 6 anos...é, é muito gratificante lembrar desse momento,</i>
72	<b>embora ele não tenha tido um retorno que a gente tá...tá...sempre</b>
73	<b>remendando ele, porque o retorno que a gente esperava de</b>
74	<b>crescimento dos projetos, não aconteceu da forma que a gente</b>
75	<b>queria, mas aconteceram outras coisas que a gente foi,</b>
76	<b>foi...apanhando no meio do caminho, que derivaram dele.</b> Uma
77	delas é o próprio pré que funciona hoje tanto ali no Fundão
78	quanto ali na...os dois estão agora no Fundão...quem fazia aqui
79	na, na Tijuca agora foi pro Fundão, né? Então é isso, <i>o mais</i>
80	<i>legal disso tudo é pro...é o lance da intenção que é a gente tá com</i>
81	<b>um projeto de orientação e quando a gente intenciona as coisas e</b>
82	<b>planifica, realmente acontece, realmente você vai produzindo</b>

83	<i>com a coisa. Então, se eu conheço a Cleide, se eu ainda tenho</i>
84	<i>contato com o David, se ainda tem alguma...a Marina, o ...o</i>
85	<i>Ernani, Verena...todo esse pessoal que eu tenho contato ainda</i>
86	<i>ligado ao pré-vestibular parte dessa intenção a princípio de um</i>
87	<i>orientador que foi o meu, que me orientou a fazer projeto.</i>
88	<i>Depois eu que aceitei, fiquei orientando outros nesse projeto e</i>
89	<i>daí em diante surgiram essas pessoas. É a comprovação de que</i>
90	<i>não existe acaso quando...e que o acaso até pode existir, mas que</i>
91	<i>a gente não precisa esperar a sorte ou esperar que as pessoas</i>
92	<i>apareçam. A gente pode intencionar, de uma forma organizada a</i>
93	<i>construir projetos e as pessoas vão aparecer. É um papel que eu</i>
94	<i>posso fazer alguma coisa, tem o, se organizar, de forma como</i>
95	<i>um...como uma organização de uma orientação de um projeto e</i>
96	<i>que você planifica, coloca as coisas em prática, pensa, repensa,</i>
97	<i>avalia e coloca e do curso...em curso, constrói assim, no futuro,</i>
98	<i>uma situação que você não sabe pra onde vai. Pode ser infinita,</i>
99	<i>né...Eventos que a gente nem sabe...essas pessoas já viajaram</i>
100	<i>comigo pra outros estados, é...abriu a ...a vida delas se abriu pra</i>
101	<i>outras coisas porque alguém colocou um cartaz chamando alunos</i>
102	<i>pra fazer o pré-vestibular comunitário e na aula que elas vieram,</i>
103	<i>além de oferecer isso, ofereceram outras coisas. Então, a, esse é</i>
104	<i>o grande mérito que eu acho da história toda que a gente fez o</i>
105	<i>que a gente prometeu que era oferecer um pré-vestibular de</i>
106	<i>qualidade, gratuito à princípio e depois praticamente gratuito,</i>
107	<i>com 30 pratos por semestre, com <b>pessoas que passaram pra</b></i>
108	<i><b>universidade</b>, uma proposta toda voluntária, funcionou por 5</i>
109	<i>anos, se expandiu para UFRJ, é...e tá aí, acima de qualquer</i>
110	<i>crença de quem dizia: “Não, isso não vai funcionar, isso é</i>
111	<i>assistencialismo.” e tal . <b>As equipes se formaram</b>, as pessoas</i>
112	<i>existem e tão por aí. Então, é uma das coisas que eu gosto de</i>
113	<i>lembrar, né...que, quando a gente intenciona colocar um projeto</i>
114	<i>em marcha e coloca ele no ritmo de orientação em equipe, você</i>
115	<i>realmente transforma o mundo. Transforma um pedacinho dele,</i>
116	<i>mas faz um pedaço de revolução a cada momentinho que você</i>
117	<i>vai passando, né...E aí, dentre...essa historinha que eu escolhi</i>
118	<i>porque...naquele dia eu não tinha a menor percepção do que tava</i>
119	<i>acontecendo...é, eu não tinha noção de presente, do presente, de</i>
120	<i>como que aquele presente que hoje é um passado tão distante que</i>
121	<i>nem parece existiu, é, poderia render tanta coisa. Poderia surgir</i>
122	<i>outras pessoas, citando exemplo Jaqueline, Rafael, Vanessa,</i>
123	<i>wanderson, Graça, enfim, todas essas pessoas que surgiram</i>
124	<i>depois surgiram porque naquele momento eu e Viviane</i>
125	<i><b>colocamos aquele projeto na UERJ em marcha naquela sala lá no</b></i>
126	<i><b>quinto andar. É por aí. A gente esperou as pessoas, é...em</b></i>
127	<i><b>Determinado horário, acho que, se não me engano foi 10 da</b></i>
128	<i><b>manhã...Elas vieram. A gente explicou como que o pré-vestibular</b></i>
129	<i><b>Funcionava, a gente explicou o que que era o Movimento</b></i>
130	<i><b>Humanista, explicou que aquele era um projeto que ia muito</b></i>

131	mais além de passar no Vestibular, explicou ideologicamente,
132	<b>né? Que era uma proposta de revolução mesmo, que a gente era</b>
133	<b>contra o Vestibular, que a gente tava fazendo um vestibular</b>
134	<b>apenas porque ainda era necessário, havia uma lacuna e ainda</b>
135	<b>existe essa lacuna de exclusão e tal...Mas que a gente, o nosso</b>
136	<b>sonho, era a gente num tá fazendo aquilo, porque a gente num</b>
137	<b>gosta de pré-vestibular, todo mundo tem que ter acesso á</b>
138	<b>universidade imediato. Todo mundo tem direito a fazer isso a</b>
139	<b>hora que quiser, sem prestar vestibular. E...e fazia-se filtro que</b>
140	era explicar como o pré ia funcionar e <b>aí surgiam todas as</b>
141	<b>dúvidas dos alunos. “Mas quem é que coordena? Mas quem é</b>
142	<b>que banca?Mas ninguém vai vir aqui dar aula de graça !” e aí a</b>
143	<b>gente convidava aqueles que se interessaram em trabalhar</b>
144	<b>voluntariamente no projeto a continuar. E dava um intervalo,</b>
145	<b>uma saída mineira de fazer um “vamo tomar um café” e tal e</b>
146	<b>daqui a meia hora a gente volta com quem quiser continuar e se</b>
147	<b>inscrever. Então só se inscreveu quem retornou e aí a gente abre</b>
148	<b>um círculo...e nesse círculo a gente construía a primeira equipe.</b>
149	<b>E cabe que logo de cara Cleide entrou pra equipe,o David já era</b>
150	<b>da equipe, tava lá naquele dia, a Viviane...Tinha um outro rapaz</b>
151	<b>que, se não me engano se chamava Alexandre, mas esse sumiu</b>
152	<b>depois... Desses ficaram, muita gente ficou, mas no final, além</b>
153	<b>desse ficar, ainda ficou esse grupo que foram pro bar, pro</b>
154	<b>bar...em frente a UERJ que ela já tava fechada, já e a gente ficou</b>
155	<b>papeando sobre Movimento Humanista e a Cleide entrou pro</b>
156	<b>Movimento Humanista nesse dia. E até hoje não saiu. Tá por aí.</b>
157	E a, então era isso, a metodologia foi essa e dizer que <b>a gente</b>
158	<b>tava com previsão de começar a aula mais adiante e que eles ali</b>
159	<b>iam começar a colar os cartazes também e ajudar a gente a visitar</b>
160	<b>os colégios, e a ...e a divulgar nas suas ruas, nos seus colégios e</b>
161	<b>tal...Então, com a divulgação deles a gente fez uma Segunda leva</b>
162	na semana seguinte de alunos, de inscritos, e já de professores e
163	aí começou acho que uns quinze dias depois o pré, lá na UERJ,
164	quinto andar, no andar da Engenharia. <b>A gente ficou na UERJ</b>
165	<b>por um ano e meio, depois saiu de lá. Fomos pro colégio Graham</b>
166	<b>Bell onde a gente ficou até o ano de 2005, quando eu decidi que</b>
167	<b>não ia mais estar fazendo pré-vestibular, né, a equipe decidiu que</b>
168	<b>não ia trabalhar mais com pré-vestibular, mas aí já existiam</b>
169	outros aprendizados, né...outros projetos de pré funcionando.
170	<i>Então, na verdade, quando alguém procura tem onde indicar.</i>
171	Tem o Fundão fazendo umas 4 turmas lá. Então a metodologia
172	naquele dia foi essa, foi muito simples. Era pedir reciprocidade
173	pedir que eles fariam o mesmo que foi feito por eles para
174	outros.... <b>E já na semana seguinte eles apresentaram o projeto.</b>
175	<b>Quando a gente se dividiu em grupos eles já sentavam no grupo.</b>
176	E foi indo, foi indo. Na Segunda leva <b>apareceu já um grupo de</b>
177	<b>alunos do colégio Graham Bell</b> que eu convidei, que eram alunos
178	meus aqui, que se juntou a esse grupo, mais um pessoal do

179	colégio Prado Junior. E ali se formou a equipe e essa equipe foi
180	<b>uma equipe que perdurou por ali por um ano, organizando esse</b>
181	<b>pré voluntariamente. Os alunos eram que organizavam, os</b>
182	<b>professores eram voluntários, os alunos é que coordenavam o</b>
183	<b>projeto. Eles é que tinham equipes pra tudo, pra professor, pra</b>
184	<b>ligar pra professor, para material, pra distribuir material, para</b>
185	<b>construir horário...Então, quem acreditou...nessa, nessa forma de</b>
186	<b>estrutura, de trabalho, voltou. Quem não acreditou foi procurar</b>
187	<b>outro pré, deve tá por aí em alguma faculdade, tomara...E a gente</b>
188	foi por aí.

## SEQÜÊNCIA 5

## FREQUENTACÃO RICARDO/SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA

Gravada e transcrita

## Legenda

*Avaliação externa**Avaliação encaixada***Ações avaliativas**

1	“É...eu tava...na Argentina...há alguns anos atrás... <b>E várias</b>
2	<b>peessoas que participavam da...da minha equipe...ou seja, várias</b>
3	<b>peessoas que eram orientadas como eu, né, por uma pessoa mais</b>
4	<b>experiente...é...tinham conseguido completar, né...é,é,é...dar um</b>
5	<b>salto estrutural, né...tinham conseguido configurar as... as suas</b>
6	<b>equipes...fazer o último passo. <u>Eu</u> e outras algumas pessoas não</b>
7	<b>tínhamos dado esse passo ainda...e nos sentimos bastante</b>
8	<b>pressionados a Ter que dar esse passo e não sabíamos se</b>
9	<b>estávamos preparados ou não...É pra contar o caso todo?”</b>
10	“Pode contar”
11	<i>“E...foi bastante interessante porque...eu tava...em dívida se</i>
12	<i>eu...como eu e se eu ia dar o salto no próximo semestre, né?”</i>
13	<i>Como é que eu ia fazer a mesma coisa que as outras pessoas</i>
14	<b>tinham feito antes. E foi bastante interessante quando deu o click</b>
15	<i>na cabeça, quando deu o estalo...dizendo que era óbvio que ia ser</i>
16	<i>feito, como ia ser feito e eu consegui construir a ...uma imagem</i>
17	<i>inicial na minha cabeça que destravou...que a única coisa eram</i>
18	<i>os detalhes, mas que a decisão tinha sido tomada que sim ou sim</i>
19	<i>aquilo ia ser feito. E obviamente depois de muito trabalho,</i>
20	<b>depois de muita gente ajudando, a imagem conseguiu se</b>
21	<i>concluir...a partir daquele projeto lá naquela reunião na</i>
22	<i>Argentina. Mas foi muito duro, foi muito difícil...é como se você</i>
23	<i>tivesse...é...se atirando... numa piscina sem saber a profundidade</i>
24	<i>da piscina, sem saber direito se você sabe nadar...né?...uma</i>
25	<i>imagem é desse tipo, sem saber se a água tá congelada ou</i>
26	<i>não...mas você resolve se atirar...Você acredita que você vai se</i>
27	<i>atirar e ...vai chegar lá do outro lado, né? Num vai morrer</i>
28	<i>afogado. É isso, agora eu tô vendo se eu não vou morrer</i>

29	<i>afogado.”</i>
----	------------------

## SEQÜÊNCIA 6

## FREQUENTACÃO ANDRÉA/SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA

Realizada por escrito e enviada por correio eletrônico

## Legenda

*Avaliação externa*Avaliação encaixada**Aes avaliativas**

1	<i>Era mais uma atividade, com um monte de gente, onde eu</i>
2	<i>Deveria dar o tom, o ânimo. Ah, mas e os hormônios? O que</i>
3	<i>fazer quando a TPM te faz querer matar um e vc tem que ser uma</i>
4	<i>Referência de bom humor e calidez? Bom, o fato é que eu podia</i>
5	<i>não ir...Mas essa possibilidade parecia ser pior do que ir. Afinal,</i>
6	<b>era uma atividade para a qual meus pares haviam se preparado</b>
7	<b> muito tempo, mobilizado seus grupos, e eu havia trabalhado</b>
8	<i>Bastante para o evento. Me sentia com um registro de injustiça</i>
9	<i>muito grande, indignada contra a natureza, mal dizendo minha</i>
10	<i>Condição, claro, fazia parte do clima. Algo tinha que fazer. Então</i>
11	<i>pedi ajuda ao meu guia interno, que me trouxesse a paz</i>
12	<i>Necessária, a sabedoria e a força para superar o climao.</i>
13	<i>Imediatamente, como se abrisse uma caixinha, um conjunto de</i>
14	<i>Imagens carregadas de significado começaram a aparecer em</i>
15	<i>minha mente, evocando registros de alegria, de entusiasmo....</i>
16	<i>Então, fui para a atividade, cheia de ânimo, tudo correu muito</i>
17	<i>bem e vi que a decisão de estar nesta ou naquela situação interna</i>
18	<i> nossa, que mesmo submetidos a um clima interno infernal,</i>
19	<i>Podemos superar isso com a conexão com o profundo, não</i>
20	<i>Aceitando as coisas mecanicamente.</i>

## SEQÜÊNCIA 7

## SABINE - APE 1 - ESTRUTURA AVALIATIVA

Realizada por escrito

## Legenda

*Avaliação externa*Avaliação encaixada**Aes avaliativas**

1	<b>Em Maio de 2004, todos os humanistas do Brasil se organizaram</b>
2	<b>Para ir de ônibus para Punta de Vacas, um lugarzinho perdido</b>
3	<b>Entre o Chile e a Argentina, no meio do deserto, que  histórico</b>
4	<b>Para nós porque foi onde Silo, um dos fundadores do Movimento</b>
5	<b>Humanista, fez sua primeira palestra, meio que dando início ao</b>
6	<b>Movimento, em Maio de 1969. A palestra de 69 teve que</b>
7	<i>acontecer lá porque na época a ditadura argentina disse: “Ah, se</i>
8	<i> você quer falar, vai falar para as pedras !” E ele obedeceu e falou</i>
9	<b>no meio do deserto para meia dúzia de gatos pingados. Bem, 35</b>
10	<b>anos depois, l vamos nós, ouvir o homem falar de novo ! Uma</b>

11	<b>comissão foi armada, dois ônibus foram alugados para sair mais</b>
12	<b>barato. Sairíamos de São Paulo. Nos encontramos na rodoviária</b>
13	<b>do Rio à meia-noite, para ir em ônibus de linha à São Paulo,</b>
14	<b>porque Ricardo, meu orientador, estava preocupado que a gente</b>
15	<b>chegasse atrasado se fosse de manhã (o ponto de encontro em</b>
16	<b>SP era às 14 horas !). Então, chegamos as 6:00 em SP</b>
17	<i>(!!!!!!!!!!!!!!) e eu me joguei no chão da rodoviária, dormi</i>
18	<i>apoiada nas bolsas, fizemos uma baita confusão. Da hora da</i>
19	<i>partida dos ônibus a hora de chegada, muita coisa aconteceu: a</i>
20	<i>empresa que contratamos não tinha dois ônibus, terceirizou o</i>
21	<i>segundo ônibus que veio em péssimas condições; os motoristas</i>
22	<i>se perderam várias vezes; fazia um frio de rachar; os motoristas</i>
23	<i>declararam que não tinham sido avisados pela empresa de que</i>
24	<i>teriam que nos levar tão longe, etc. Mas a pior situação</i>
25	<i>aconteceu quando chegamos no Rio Grande do Sul, em uma</i>
26	<b>parada de caminhoneiros, para almoçar (não me lembro o nome</b>
27	<b>do lugar). O almoço era ruim, eu não tinha dinheiro, mil coisas !</b>
28	<b>Fomos tomar banho, era uma fila enorme ! Foi quando</b>
29	<b>descobrimos que o ônibus mais ferrado precisaria de uma nova</b>
30	<b>correia. Meu orientador e outras pessoas que ficaram</b>
31	<b>responsáveis pelos ônibus começaram a se mobilizar para</b>
32	<b>resolver e gasta dinheiro de celular, fala com um, fala com outro,</b>
33	<b>pede ajuda ! Quando vimos já era noite, um frio de rachar e</b>
34	<b>estávamos parados há seis horas. Foi quando bateu em todo</b>
35	<b>mundo um espírito de “não importa o que aconteça, temos que</b>
36	<b>ficar em um bom clima”. Eu não sei bem porque isso aconteceu.</b>
37	<i>No ônibus mais legal (eu estava no ônibus mais ferrado),</i>
38	<i>durante a viagem, as pessoas tinham organizado funções, tinha</i>
39	<i>até uma função de entretenimento, para manter o ânimo durante</i>
40	<i>a longa viagem. No nosso ônibus ferrado, não tinha muito isso,</i>
41	<i>ou se tinha (não me lembro), não foi levado a sério. Eu tentei me</i>
42	<i>animar, me colocar em uma posição de referência, pensar em</i>
43	<i>mim mesma como uma orientadora, que põe as coisas para</i>
44	<i>frente, que anima, que dá gás, mas a viagem tinha acabado</i>
45	<i>comigo e eu estava com preguiça de tomar qualquer atitude. Foi</i>
46	<b>quando, sabe-se lá porque, talvez sugestão de alguém para</b>
47	<b>melhorar o clima, um baiano pegou o berimbau, alguém</b>
48	<b>começou uma roda e eu fui me aproximando, outras pessoas</b>
49	<b>foram chegando. Quando vi, estava no meio de uma imensa roda</b>
50	<b>de capoeira e todos (à exceção de uns poucos que ficaram com a</b>
51	<b>“missão-correia”) estavam ali cantando, imitando os passos,</b>
52	<b>suando ! Era uma roda, no escuro de um aterro ao lado da parada</b>
53	<b>de caminhoneiros, com umas cinquenta pessoas, dançando !</b>
54	<b>Depois, um dos paulistas começou um jogo e ele cantava:</b>
55	<b>“Quando eu fui pra Nova Iorque, visitar a minha vó, minha avó</b>
56	<b>me ensinou, a dança do chapchap...Uh dança do chapchap...” E a</b>
57	<b>cada rodada uma pessoa tinha que inventar um passo para a</b>
58	<b>“Dança do Chapchap”, enquanto todos cantavam. Eu me sentia</b>

59	<i>uma criança, foi um momento mágico, o clima era</i>
60	<i>completamente outro. Senti que pertencia aquela grupo, registrei</i>
61	<i>o sentido de tudo que <b>estávamos fazendo</b>, lembrei do verdadeiro</i>
62	<i>sentido de ser humanista. Naquela hora, dançando esbaforida, eu</i>
63	<i>estava muito feliz. E descobri que é esse clima, essa alegria, esse</i>
64	<i>sentido de estar juntos por pior que seja a situação, unidos por</i>
65	<i>uma causa maior, essa capacidade de reverter qualquer quadro</i>
66	<i>que era a nossa força. E que essa força do conjunto era o que</i>
67	<i>pulsava dentro de mim <b>toda vez que um orientado meu se</b></i>
68	<b>desesperava, um projeto desmoronava, uma equipe</b>
69	<b>sumia....Também entendi que um orientador é uma pessoa que</b>
70	<b>faz acontecer, que cria as condições para o que quer fazer. Ali</b>
71	<b>havia vários orientadores e setores e ninguém queria Ter</b>
72	<b>lembranças sofridas dessa viagem, todo mundo queria ver o</b>
73	<b>positivo e mesmo que a idéia tenha sido de um ou de outro, todos</b>
74	<b>corresponderam. A partir daí, assumi meu papel com gosto e</b>
75	<b>ajudei em tudo o que pude para que a viagem fosse melhor.</b>
76	<i>Apoiei os dois orientados que estavam comigo, busquei</i>
77	<i>oportunidades de que eles conhecessem outras pessoas, vissem</i>
78	<i>coisas novas e intercambiassem. <b>Ficamos parados por dez horas.</b></i>
79	<b>Depois disso ainda tivemos muito problemas. Na volta um dos</b>
80	<b>pneus do ônibus mais velho estourou (estorou mesmo, ficou em</b>
81	<b>pedaços ! rrsrrs). Mas, o clima havia mudado. Estávamos</b>
82	<b>relaxados, felizes e muito unidos.</b>

## Anexo 2

### Respostas à APE 2

SEQÜÊNCIA 8  
 FREQUENTAÇÃO RAFAEL/SABINE  
 Realizada por escrito e enviada por correio eletrônico

1	Em relação a climas e tensões...
2	Assim, existem vários climas e tensões que aparecem né.
3	Recentemente eu tenho sentido muito um "medo" de orientar as
4	peessoas de forma errada, de as pessoas perderem a confiança em
5	mim. Rola o medo de fazer algo errado e perder a confiança das
6	peessoas que oriento. Tem o lance de as vezes se achar fodão por
7	participar do movimento humanista, heh. Houve uma época que
8	eu tinha a preocupação dos outros acharem que eu era meio
9	maluco por participar desse movimento. Hoje em dia isso não me
10	acontece não, mas antes eu falava do movimento com algumas
11	peessoas como se fosse um negocinho ali que eu fazia de vez em
12	quando, sem muita importância. As vezes tudo parece muito
13	difícil, e tenho vontade de jogar tudo pro alto, largar de tudo,
14	desistir de tudo, ai dá vontade de arrumar muita grana pq acho
15	que vai resolver todos os problemas heh.
16	o que eu aprendi sobre o que é orientar?
17	Eu acho que orientar tem muito de saber ouvir as pessoas, de
18	acompanha de perto as pessoas, de tentar entender o outro com
19	profundidade. E dentro disso, saber dizer aquilo que vai ajudar as
20	peessoas a avançar.
21	Sobre ser par...
22	Ser par tem muito de compartilhar né... são as pessoas que meio
23	que estão no mesmo barco que você, remando juntas. Existe
24	normalmente uma cumplicidade que não é comum nas relações
25	"normais" do dia-a-dia.

SEQÜÊNCIA 9  
 FREQUENTAÇÃO VALDIR/SABINE  
 Realizada por escrito e enviada por correio eletrônico

1	<b>Situação</b> - Setor Adm Central
2	<b>Tensões</b> - Minha maior tensão é ter formada uma rede que
3	realmente se faça responsável pela circulação de informação, em
4	seus respectivos conselhos, e pelo autofinanciamento, e com
5	autonomia crescente. Ou seja formar setores que realmente
6	aportem com a estruturação na base.
7	<b>Clima</b> - Vendo tanta rotatividade de setores, e com isso, tendo
8	Que tantas vezes interromper um processo, para recomeçá-lo
9	Desde o início com um novo setor me deixa bastante

10	desesperançoso e desorientado: "Que responsabilidade tenho eu
11	Nesta rotatividade?", "Que devo fazer para promover uma
12	retenção dos novos na função?"
13	Hoje vejo o quanto é necessário o que chamamos de
14	reciprocidade. tenho tentado recordar fortemente como fui
15	qualificado, recordar quanta paciência tiveram comigo, recordar
16	que, apesar dos meus vacilos, acreditaram em mim e me deram a
17	oportunidade de processar na função Administrativa. sinto que
18	devo colocar mais energia e atenção na minha função, para que
19	gere um modelo eficiente para os novos, e que motivem se
20	colocarem a serviço da estruturação.
21	Fui !

## SEQÜÊNCIA 10

## FREQUENTACÃO ALICE/SABINE

Realizada por escrito e enviada por correio eletrônico

1	Situação: orientadora
2	Tensão: dificuldade de acompanhar os orientados devido a
3	distância e por eles não terem hábito de se mover com frequência
4	na Internet.
5	Clima: de incompetência e impotência
6	as aprendizagens são muitas avaliando os 15 aos que participo
7	do Movimento. Mas, nesse momento, posso me basear em coisas
8	simples, coisas que são importantes no meu dia-a-dia e
9	principalmente nas relações pessoais.
10	Sou orientadora e com isso aprendo a superar os meus limites,
11	minhas dificuldades, meus medos.
12	Me proponho a fazer algo que tenho gosto...no caminho vo
13	aparecendo os "detalhes", os dramas, rs. E como eu que me
14	propus a fazer, não foi ninguém que mandou, busco superar! Daí
15	vem as grandes aprendizagens, planificar o projeto ao longo do
16	semestre (que não é nada fácil, tem os tais dos indicadores...),
17	acompanhar aqueles que oriento! Escutar o outro, ir vendo como
18	o outro pode ir superando suas resistências, colocá-los em
19	situação. Ou seja, fazer pelo outro o que já fizeram por mim.
20	Mas é claro que tudo parte de uma intenco, e os aprendizados
21	seguem a partir disso. Da mesma forma que sou orientadora tb
22	sou orientada. Isso é muito engraçado,rs. Todas as vezes que me
23	descabelo com um orientado meu, lembro de como ajudei a
24	Brotar os primeiros fios de cabelo branco no meu orientador. Um
25	exemplo, desesperada ligo para ele e peo ajuda, como vou
26	planificar isso? Por onde começar?! E ele, com muita calma e
27	clareza vai me orientando...Eu, no final, faço o que quero, claro!
28	E aí já viu n, maior confusão...calendários impossíveis de serem
29	contemplados, imagens confusas...Aí, o meu orientado tb me
30	pede ajuda...Ele fala: Como que eu faço? Como juntar as

31	pessoas, por onde começo?! E eu, nesse momento, lembro do
32	meu tão querido orientador, como ele faria? Me pergunto...Me
33	encho de inspiração...e parto para a conversa o o orientado.
34	Sáimos dali com imagens do que fazer, como fazer, um pequeno
35	calendário...enfim. No final ele faz o que quer! Já viu né. Claro
36	que não sai como combinamos, rs,rs,rs. Mas o meu orientador
37	não desistiu de mim, apesar de tudo, rs. E como o jogo é esse, ser
38	recíproco! Eu também não vou desistir daquele que oriento. Vou.
39	ter fé que ele vai superar seus limites, porque ele quer! Vou ter fé
40	que somos capazes de romper com os nossos determinismos

SEQÜÊNCIA 11  
 FREQUENTAÇÃO CLÁUDIO/SABINE  
 Gravada e transcrita

1	A minha situação no momento é uma situação de inércia...é...do
2	fazer mesmo corporal, vamos dizer assim, não é uma inércia
3	mental...Eu não tenho feito coisas...é... motrizes, eu não tenho
4	caído pra fazer atividade, não tenho ligado pras pessoas pra me
5	reunir com elas, eu não tenho...botado a mão na massa. Eu tô
6	num momento de muita reflexão sobre o que que eu quero
7	fazer...e tô muito, muito inquieto como uma...seqüência de
8	fracassos, vamos dizer assim. Então, eu não tô querendo...tô
9	muito preocupado em até que ponto eu tô em resistência e até
10	que ponto eu tô ponderando pra não entrar noutra furada. Aí
11	volta e meia eu penso “Ah, vou fazer outro pré”, pelo menos o
12	pré tem um lance de atividade e agora eu num tô fazendo porra
13	nenhuma. Mas ao mesmo tempo eu lembro de tudo que eu não
14	quero fazer num pré e que... como, como, como que na verdade o
15	meu modelo de atuação, o meu jeito de fazer, na verdade foi isso
16	e não fez funcionar...Porque comprovadamente é foda você gerar
17	estrutura de pré. Então se eu levei 5 anos fazendo uma coisa e
18	não gerei, não é pré que eu tenho que fazer, né? Não é...não é
19	uma situação de menosprezar o troço, mas...é entender que não é
20	a minha virtude, talvez, gerar estrutura a partir dali. Então não
21	tem porque voltar. Em compensação, todas as outras coisas que
22	eu penso em fazer, eu não consigo, é...não sei se eu boto o pé na
23	frente, já fico imaginando lá (incompreensível) e aí não tomo a
24	(incompreensível)... então acaba que nesse momento, eu tô
25	caminhando pra uma linha de me dedicar mais a formação do
26	Partido Humanista, de me dedicar mais a essa questão de contato
27	com instituições e de a partir dali talvez montar minha equipes.
28	Abrir outros pa...outros estados, fazendo contatos com outras
29	pessoas, e tal. Tá partindo pra ser isso. Ao invés de ser aquele
30	projeto arraigado como tem, como eu fiz na reprodução, eu não
31	tô conseguindo, é...não me sinto forte pra puxar uma questão de
32	arraigo agora, que a minha situação é, é...motriz, é meio zero. Eu

33	não tenho força, não me sinto forte pra ir pra um bairro, chamar
34	peessoas, montar jornal e...mesmo com aquele papo de que “Não
35	é só você, vão ser as pessoas que vão vir e tal...”, eu sei que isso
36	dá muito trabalho. Não dá (incompreensível). Eu sei que isso vai
37	dar muito trabalho, que eu é que vou fazer, até chegar as pessoas.
38	Então é como se eu tivesse pedindo esse, esse luxo...tentar
39	encontrar uma coisa agora que não me seja tão trabalhosa. Esses
40	anos todos de pré foram muito cansativos, eu ...num tô a fim
41	de...de me matar de novo, entendeu? Num tô a fim de construir
42	um projeto que no final do semestre quando eu entrego os dados
43	falo: “ Caralho, que bom que agora eu não preciso mais correr
44	atrás disso ou daquilo. A tensão que eu tenho é justamente
45	essa...esse...é...essa dúvida que que até que ponto eu não tô me
46	fudendo só e num tô percebendo, eu tô...na verdade, eu
47	tô...é...me justificando mesmo, pra não fazer porra nenhuma. Até
48	que ponto eu num tô me acomodando, entendeu? Até que ponto
49	eu num tô...é...intelectualizando demais a história, né, e aí nunca
50	vou sair do lugar, por causa desse intelectual, nunca vou fazer
51	porra nenhuma...porque num...num (incompreensível), num é,
52	num é, num é real, essa porra. O que tá me preocupando mais é
53	essa minha falta de ação. Eu tô muito tenso porque eu me
54	sinto...é...inútil...dentro do Movimento Humanista...me
55	sinto...é...funcionário público. Eu num sei...as pesso...as pessoas
56	vão dizendo assim: “Pô, o cara tem potencial, porque ele faz,
57	porque ele poderia ser isso, poderia trabalhar com isso...” Eu não
58	me sinto representando nada, não me sinto orientando ninguém.
59	Eu não me sinto...é...nas reuniões, assim, como tendo pra poder
60	dizer, pra poder falar, em nome de quem, em nome de quem que
61	eu oriento? Em nome de Cláudio.Então eu vou tá numa
62	reunião...eu tenho que Ter...eu tenho que Ter um porquê de tá
63	numa reunião e reivindicar uma proposta, tá baseado numa
64	construção da tua equipe, do teu projeto...Então eu gostaria que a
65	gente fizesse isso porque “Pô, isso tem mais a ver com o
66	momento atual” e não porque eu acho que intelectualmente é
67	isso. Eu não sou um pensador. Como são...como tem alguns
68	cargos em partidos políticos que é o cara responsável pela
69	política, que é o cara que pensa a política...Mas ele fica em casa
70	coçando o saco, enquanto tem o cara que age. O cara do corpo
71	sindical, é...eu não sou isso, é, pelo contrário eu tenho uma certa
72	rejeição a essa coisa...é...de ser o bam-bam-bam que dita aquelas
73	coisas. E me incomoda essa história do Cláudio porta-voz
74	porque...me passa essa imagem de que tão...que eu, que eu tô me
75	colocando numa situação meio de consultor, entendeu? O cara
76	que vai dizer o que é que é, o cara que escreve bem, o cara que
77	pode ideologizar. Mas eu não quero ideologizar só, eu quero...eu
78	quero fazer. E isso me tensiona. Não Ter uma ação prática, não
79	Ter...é...o trabalho respaldado na teoria. Eu me sinto muito
80	teórico, entendeu? Contraditório pra caralho, falar tudo que eu

81	falo se na prática, não tem exatamente...vou ser um pouco
82	impiedoso...mas não tem muita coisa construída, entendeu?
83	Quem eu tenho hoje, que projeto eu tenho hoje, que pessoas eu
84	tenho hoje e que a, que ação que eu tenho hoje que o campo da,
85	do, da frente de ação, do campo social que eu possa dizer: “Pô, é
86	isso que eu tô fazendo.” Como eu tinha na época do pré, eu...mal
87	ou bem, eu tinha e...é...é...essa válvula de escape...Dizer: “Cê
88	trabalha em que?”. “Num pré-vestibular. E é o pré-vestibular
89	que vê a situação diferente, que ideologiza, papapapapapa. Ou
90	então me perguntam o que que eu faço: “Eu penso e falo o que
91	eu acho.” Por aí. É.....O clima eu acho que eu acabei
92	respondendo já. É esse clima de...meio de inutilidade, entendeu?
93	De tempo perdido, de....de.....meio vazio, meio....Por aí. Vamos
94	imaginar um...acho que chegar a um clima mesmo bacana... Uma
95	coisa meio lenta, meio... e ao mesmo tempo...é...fútil, como se
96	you fosse...como se isso tudo que eu falo não quer dizer nada se
97	eu não tô fazendo alguma coisa. É...é meio um clima de...de...às
98	vezes eu me sinto meio um charlatão, às vezes...Meio canastrão
99	no que eu faço...porque na ação eu não faço o que eu digo,
100	entendeu?...então isso me dá uma contradição...Então me dá um
101	clima muito chato de,de que às vezes eu falo assim, porra, às
102	vezes, alguém fala assim: “Porra, mas você tá fazendo alguma
103	coisa !”. Enfim, eu tô fazendo o que...já fiz, agora...eu tô
104	guardando tudo o que eu sei aqui dentro. Então é um clima meio
105	de...individualismo, nesse ponto, falei com a Andréa na última
106	reunião e ela falou “Bom, não seja tão impiedoso com você.
107	Você não é individualista. Acho que você não avaliou bem o que
108	você faz e tal.” É nesse sentido que eu faço...eu acho que eu
109	tenho muita coisa, muito acúmulo de experiência...Eu tenho mal
110	ou bem muita coisa pra...pra..pra colocar e não colocar isso em
111	prática em projeto, em atividades, não me atirar de cara nisso é
112	muito individualismo. Então assim, é...de repente pra alguém que
113	veio indo em todas as reuniões dos organismos, todas as reuniões
114	semanais, me chama pra fazer qualquer coisa eu não furo, parece
115	que eu não sou individualista. Só que eu tô a 10 km por hora e a
116	necessidade nesse momento é de acelerar muito mais. Então, um
117	clima de lentidão e de contradição também...me sinto muito
118	contraditório às vezes... “Assim, porra, que humanista de merda
119	que você é, tá falando de mudar o mundo, mas que que você tá
120	fazendo de concreto pra mudar o mundo? Qual é a porra do teu
121	projeto?” É...é...um ponto muito forte que, que misturado com
122	essa inércia...tá fudendo um pouquinho a história toda.”

SEQÜÊNCIA 12  
 FREQUENTAÇÃO RICARDO/SABINE  
 Gravada e transcrita

1	Situação atual :Uma equipe com muitas pessoas bastante
2	interessadas, bastante dedicadas, envolvidas, trabalhando, só que,
3	em geral, essas pessoas com muita dificuldade ...de juntar outras
4	pessoas nas suas próprias equipes. Então, uma situação de equipe
5	reduzida, uma situação de equipe...é...nesse momento...
6	reduzindo. Tensões: Que a equipe demore muito para voltar a
7	crescer. Tensão de...é...de que as pessoas da minha equipe que
8	precisam armar equipe, continuem com equipes pequenas, com
9	pouca possibilidade de ação sobre o meio. Tensão de que nós não
10	conseguimos ter uma equipe suficientemente potentes para
11	quando as mudanças sociais se apresentarem a nossa
12	possibilidade de influência em direção ao avanço da sociedade.
13	Basicamente, tensão de não conseguir cumprir com o aporte
14	planejado ao processo de humanização da Terra. Clima...um
15	clima...de...solidão em relação a outras pessoas que estão na
16	mesma situação...um clima de procura, de estar procurando
17	pessoas que estejam numa situação parecida e realmente com
18	vontade de...de dar esse salto. Então, clima de urgência...é...
19	e...fazendo bastante trabalho pessoal e trabalho interno pra que
20	esse clima não vire angústia, nem vire nenhuma espécie
21	de...atropelo. Basicamente isso.

## SEQÜÊNCIA 13

## FREQUENTAÇÃO ANDRÉA/SABINE

Realizada por escrito e enviada por correio eletrônico

1	Análise de situações, tensões e climas da função apoio:
2	Situação: Falta de tempo para acompanhamento
3	Tensão: Preciso ajudar meus pares
4	Clima: frustração

## SEQÜÊNCIA 14

## SABINE

Realizada por escrito

1	Análise da Situação Atual: Orientadora recomeçando equipe
2	com projetos novos
3	Tensões: Querer mostrar serviço, dar resultados, preocupação
4	com o que os outros vão pensar de mim, Ter que me planificar,
5	cansaço por antecedência que me faz Ter vontade de “me
6	poupar”, inércia estrutural.
7	Climas: Medo de cometer os mesmos erros, insegurança,
8	solidão, medo do novo, sensação de estar perdida.

### Anexo 3

#### De que História fala esse “Ser Histórico?”.

El Sábado, por causa del hombre es hecho: no el hombre por causa del Sábado (SAN MARCOS, 2-27 in Ortega y Gasset, 1978).

Observei anteriormente o ser humano como um ser essencialmente histórico e transformador de sua natureza. Alinhei a produção de subjetividade realizada pelo sistema capitalista à concepção de que o ser humano, mais do que social, é um ser de sua época, ou seja, alinhado às crenças de sua época. Tais crenças seriam “estruturas de ideação antepredicativas sobre as que se assentam outras estruturas que aparecem como racionais” (Ergas 2004:85), sendo este ponto de vista justamente o que nos afasta de outras concepções humanistas ou relacionadas. O ser humano não é visto como sendo construído a partir da atividade social e sim como construtor da realidade interna e externa, dotado de uma consciência ativa. Observei também a estruturação da realidade, realizada pela consciência, tendo como base “imagens” e como tais imagens estão de acordo com as crenças operando em cada ser humano. As próprias mudanças históricas indicam como nossas crenças mudam muito em relação a determinadas coisas e relativamente pouco em outros aspectos.

No entanto, quando falamos de um **ser histórico** não nos referimos somente a um produtor de História, mas também a um ser que se modifica ao longo do tempo.

Um ser que não é o mesmo hoje que foi ontem. Não é o mesmo no século XX ou no século II, nem o será no próximo. O histórico não é ‘algo que é’ mas ‘algo que vai sendo’, algo que ‘será’. O ser humano é, na verdade, um ‘sendo humano’ ou um ‘será humano’ ou um ‘ser que se humaniza’ (Ergas, 2004).

Tal ponto de vista nos brinda com questionamentos interessantes. Em primeiro lugar, como pode um ser cujas crenças estão calcadas no sistema em que vive - sistema esse que, inclusive, provê crenças acerca de sua subjetividade - transformar a sociedade em que vive? Reformulando o questionamento para o contexto de nossa pesquisa, como podemos nós, membros de um conselho do Movimento Humanista, transformar-nos em orientadores de estruturas humanas,

constituirmos tal identidade na ação, levando em conta que somos parte desse sistema, formados nesse panorama, nessa época? Observamos em conjunto, quando do início da formulação de nossa questão de pesquisa, que as dificuldades em nos construirmos orientadores estão todas relacionadas a uma fragmentação, desterritorialização, desreferenciação desta época - deste início de século XXI - do qual não podemos nos distanciar. Nosso sistema de *expertise* baseia-se em proposições revolucionárias e, no entanto, como pode este visualizar uma real ruptura estando em constante conflito com o sistema de crenças de uma época?

Em segundo lugar, como poderíamos nos propor a investigar um fenômeno como o do conflito entre nossas identidades pessoais, sociais e coletivas que tem raízes aparentemente tão distantes e motivadas por uma estrutura político-econômica-cultural? Deveríamos nos ater à observação de nosso discurso-em-construção como orientadores e ignorar nosso sistema de *expertise* compartilhado? Em tal sistema, propomos, através do autoconhecimento e da prática social, maneiras de realizar uma revolução não-violenta. Deveríamos aqui, construir uma ferramenta de pesquisa crítica, atenta às dificuldades da empreitada e ao fato de que somos integrantes do sistema que buscamos modificar? Deveríamos, ao contrário, explicitar em que fracassam nossos intentos e dessa maneira explicitar o que nos “falta fazer” como contribuição mais útil ao grupo?

Em ambos os casos, nossa visão de História necessita esclarecimento, pois é desta visão que parte nossa concepção de homem e a estruturação mesma de nosso trabalho na base social. Bodei (1997:16) refere-se no campo da Filosofia da História à

Tardia exigência de transformar as **histórias no plural**, a narração das séries de acontecimentos ocorridos paralelamente em épocas ou âmbitos geográficos delimitados, em **história no singular**, num todo global, para cujo mar confluem e se decantam as vicissitudes locais ou as dos indivíduos, famílias e povos.

Segundo o autor, hoje vem perdendo credibilidade “*a idéia de uma conspiração dos acontecimentos para um fim comum*” (ibid: 77), ou seja, a possibilidade do estudo de uma história no singular, desse sentido para a história humana. Segundo Burke, uma nova perspectiva para a escrita da história, conhecida como Nova História, pode ser observada como a tentativa de buscar estudar

documentos, impressões, materiais não só a partir do ponto de vista de quem está no poder em uma determinada época, mas também a partir daqueles que vivenciaram determinados acontecimentos em situação de anonimidade, o que nos levaria ao estudo de uma “*história-vista-de-baixo*” (1992:16). Em Sharpe (1992:41), temos um exemplo de estudo da batalha que viria a resultar na derrota de Napoleão Bonaparte em 1815 não a partir dos documentos oficiais governamentais dos países envolvidos e sim a partir do testemunho dado pelo soldado Wheeler, em cartas escritas a sua esposa. O autor indica que esta perspectiva

Atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.

Levi (1992:133) refere-se a uma corrente dentro da Nova História denominada “micro-história”, com forte influência da visão de Homem a partir da dialética marxista anteriormente explicitada, o homem como ser histórico e social. Recuperando a visão do funcionamento da consciência em Vygotsky, a consciência como estruturadora do social. O autor explicita a relação entre a antropologia interpretativa e a micro-história (ibid: 144) e, citando Geertz, aponta a uma concepção de racionalidade baseada em que “o repertório infinito das possibilidades simbólicas das mentes humanas nos permite abordar a realidade, por uma série de passos infinitamente pequenos, sem, no entanto, jamais atingi-la”.(ibid: 145). Citando ainda a concepção heidggeriana das interpretações realizadas nas Ciências Humanas, o autor explicita que “o conhecimento do indivíduo não deve dissolver a existência de outros em si mesmo, mas antes que a função adequada do pensamento como um ‘classificador hermenêutico’ é permitir que as outras pessoas permaneçam sendo as outras” (ibid: 146). Assim, a micro-história partiria de uma descrição mais realista do comportamento humano, e não somente na “micro-dimensão de seu objeto de estudo”. A necessidade de uma micro-história teria partido da descrença no “automatismo da mudança”, i.e., na existência de “uma progressão regular, uma série de estágios uniformes e previsíveis” para a História humana, “naturais e inevitáveis”. (ibid: 133-134).

Anteriormente, observei que o que se denomina sistema no Movimento Humanista está relacionado a uma forma mental que não é exclusiva do capitalismo e pode ser observada em vários outros momentos históricos. Segundo Burke, os historiadores da Nova História, em seus diversos movimentos de aproximação com os homens e mulheres esquecidos e em sua atenção à interpretação localizada, têm antecedentes nos historiadores do Iluminismo como Voltaire, Gibson, Robertson, Vico, Möser, entre outros, que se preocupavam por escrever uma história que incluísse a “manière de penser” de uma determinada sociedade, com seus hábitos e costumes, com o ‘espírito da época’” (1992:19). A questão que se coloca não é a de ir contra o “*local knowledge*” ou o “saber local” defendido por Geertz (*in* Bodei, 1997), já que o estudo da forma mental ou maneira de pensar, do espírito da época, é o que nos possibilita compreender como estamos influenciados, como nossas subjetividades são produzidas pela época em que vivemos. Também não se trata da desvalorização da experiência daqueles que não estão no poder, já tendo estabelecido que trato aqui de, com os participantes desta pesquisa, entender um processo útil a nosso grupo, um processo de formação identitária. Ao contrário, nesta empreitada, existe sim a oportunidade de valorizar a experiência deste grupo de ativistas, de suas perspectivas particulares que, sendo ou não úteis a outros, serão ao menos úteis para os envolvidos nesse processo.

No entanto, se falamos no Movimento Humanista de uma perspectiva de revolução não-violenta que levaria à construção de uma Nação Humana Universal, o trabalho de um orientador estaria diretamente relacionado a uma perspectiva de História mais ampla. Construir em nosso discurso uma concepção de História mais geral é o que nos possibilita visualizar nossa atuação como em direção a construção da unidade planetária. Sem tal crença básica na coerência de um processo histórico mundial e que segue determinadas tendências, o projeto mesmo ao qual nos dedicamos estaria fadado ao fracasso.

Bodei (1997:78) indica que, na contemporaneidade, “a ausência do sentido histórico depende do fato que se perdeu de vista qualquer processo unitário da história sob o guia de um bem individualizado protagonista”. O autor identifica que ao aproximar-se de um olhar local, individualizado e buscando superar o efeito da

globalização que pode nos tornar todos iguais perante as Ciências Humanas, acabam por faltar critérios para identificar “macrosujeitos” históricos - que poderiam antes ser definidos por sua posição política ou econômica. “Deus, a Providência, o Estado-Nação, o Povo, a Classe” teriam perdido “o monopólio da condição sensata dos fatos” (ibid: 80), i.e., perderam seu poder de fios condutores da História. Aqui podemos traçar um paralelo interessante com a evolução da visão de homem, anteriormente citada, na qual, de Aristóteles ao surgimento da dialética marxista, do existencialismo e da fenomenologia. A visão de História depende da visão que se tem do Homem e se já esgotamos o homem em relação a Deus, o homem racional, o homem social e pretendemos, a partir do Novo Humanismo, conceber um homem não-animal, um homem não-natural, que visão de História corresponde a esse novo homem?

Em Toynbee (1987), Ortega y Gasset (1972) e Ergas (2006) observo como fio condutor uma visão de consciência humana ativa que busca transcender seus próprios limites ao longo da história humana, sendo essa consciência o que nos permitiria dar coesão a uma “história no singular” (Bodei, 1997:16). É esse “estado de espírito” ou “economia psíquica” epocal (Ortega y Gasset, 1972) ou esse “fluxo de tempo mental” (Toynbee, 1987:10) ou ainda a “manière de penser”, “espírito da época” (Burke, 1992:19) a que se referiam os historiadores do Iluminismo, que se somam como critérios para um estudo da História a partir da concepção humanista. (Ergas, 2006).

A revolução não-violenta que pretendemos mediar em nossa construção como orientadores pode ser alinhada a concepção de Ortega y Gasset de que o “menos essencial nas verdadeiras revoluções é a violência”, pois “a revolução não é a barricada e sim um estado de espírito” (ibid: não paginado). Poderíamos, portanto, estudar o estado de espírito correspondente às diferentes épocas para compreender como se estruturam subjetividades em cada momento histórico e por onde pode se dar uma transformação efetiva. O autor identifica diferentes civilizações no processo histórico humano e, apoiando-se em estudos de comparados de Meyer sobre a vida helênica, encontra uma época da história desse povo parecida com nossa Idade Média e comenta que Meyer “se atreveu a falar de uma Idade Média Grega” (ibid: não paginado), sugerindo que todo povo teria sua Idade Antiga, sua Idade Média e sua Idade Moderna. Refere-se ainda a um princípio da economia grega, encontrado em

citações espartanas e argivas: “Chrémata. Chrémata áner” ou “O dinheiro, o dinheiro é o homem”, que poderia ser comparado à contemporânea visão capitalista do homem. Em seu estudo comenta que, ao fim da assim chamada Idade Média Grega, negócios envolvendo dinheiro são considerados sujos e aviltantes, mas ninguém conseguia subtrair-se deles.

Assim, a partir de um estudo calcado na forma de pensar dos povos, Ortega y Gasset consegue visualizar um padrão, um ciclo na história das civilizações, no qual cada povo “de um estado de espírito tradicional passa a um estado de espírito racionalista e desde este a um regime de misticismo”.(ibid: não paginado). Estas seriam “três formas diferentes do mecanismo psíquico do homem, três maneiras distintas de funcionar o aparato mental do homem”. Essas três formas, também denominadas em seu trabalho de Idade da Tradição, Idade da Razão e Idade Desilusionada (Ergas, 2006) seriam mecânicas históricas observáveis em todas as civilizações de que o autor tinha notícia até o momento de seu estudo.

O estudo de ciclos históricos, tais quais os propostos por Ortega y Gasset, encontra ecos em diferentes autores. Dentre eles, Andreotti (2005) para quem a teoria linear e evolutiva do pensamento histórico surge da Igreja Católica como proponente de um Juízo Final e que teria estabelecido as bases para um pensamento materialista e não relacional da história. Segundo Kuhlmann Jr. (2005: não paginado), referindo-se ao trabalho de Colin Heywood: “para uma compreensão mais consistente da História, caberia referir-se à história da humanidade”.

Toynbee (1987:32) apóia a construção de tal visão macroscópica e universalizada da história, a partir de seu estudo comparado de 51 civilizações por ele identificadas, reafirmando o fato de que os historiadores, como todos, estão sujeitos ao espírito de sua época e evocando os perigos do que ele denomina “industrialização do pensamento histórico”. Segundo ele, há uma perda de proporção discernível no trabalho dos historiadores já que “o prestígio do sistema industrial se impôs sobre os trabalhadores intelectuais do mundo ocidental”. Tal qual observado no processo de industrialização:

Os historiadores vêm empregando suas melhores energias na coleta de matérias-primas - inscrições, documentos e similares - em ‘corpus’ e em periódicos, e quando conseguem transformar esse material em artigos

manufaturados ou semi-manufaturados recorrem, mais uma vez, à divisão do trabalho, e apresentam histórias sintéticas como as várias séries de volumes publicados pela Cambridge University Press. Tais séries são monumentos à laboriosidade, ao saber 'factual', à capacidade mecânica e ao poder organizacional da nossa sociedade. Elas terão seu lugar entre os estupendos túneis, pontes, represas..."

O autor refere-se a uma “Nova Era” que necessitaria de um “novo olhar” para a História, para o que seria o “campo inteligível de estudo histórico”. Declara que “o conhecimento da história da humanidade deveria ser a história do que a humanidade tem em comum” (ibid: 38-41)

Na sistematização de suas Idades das Civilizações, Ortega y Gasset (1978) já havia indicado a Idade da Tradição ou Tradicionalista como aquela na qual os homens se voltam ao passado e se submetem a uma nova crença espiritual. A Idade da Razão seria aquela na qual o progresso tecnológico avançaria mais e as revoluções através de ideologias seriam tentadas. A Idade Desilusionada seria aquela na qual “a consciência começa a suspeitar que o insucesso não é devido à intriga dos inimigos e sim à contradição mesma do propósito” (ibid: não paginado), i. e., já não existe uma fé na racionalidade de nenhuma ideologia em particular e isso abre espaço para o que o autor chama de “o ocaso das revoluções”. Tais Idades estariam presentes na mecânica histórica de todas as civilizações, pois seriam partes mesmas de uma mecânica da consciência humana.

Buscando compreender nossa localização histórica, a época a partir da qual realizamos tanto nossa busca pelo entendimento, quanto nossa ação por uma revolução não-violenta, é a perspectiva da Idade Desilusionada a que mais nos interessa. Segundo Ortega y Gasset (1978); Toynbee (1987) e Ergas (2006) estaríamos inseridos justamente no contexto de tal Desilusão, na última etapa do ciclo de vida da civilização ocidental, a que Ortega y Gasset denomina de “reino da covardia” descrito como uma época na qual:

A valentia se torna profissão e seus profissionais compõem a soldadesca que se levanta contra todo o poder público e oprime estupidamente todo resto do corpo social. Esta covardia geral germina nos mais delicados e íntimos interstícios da alma. Se é covarde para tudo. O raio e o trovão voltam a espantar como nos tempos mais primitivos. Ninguém confia em triunfar sobre as dificuldades através do próprio vigor. Sente-se a vida como um

terrível azar em que o homem depende de vontades misteriosas, latentes, que operam segundo os caprichos mais pueris. A alma envilecida não é capaz de oferecer resistência ao destino e busca nas práticas supersticiosas os meios para subornar essas vontades ocultas. Os ritos mais absurdos atraem a adesão das massas. Em Roma se instalam pujantes todas as monstruosas divindades da Ásia que, dois séculos antes, foram dignamente desdenhadas. Em suma: o espírito incapaz de manter-se em pé por si mesmo, busca uma tábua onde se salvar do naufrágio e perscruta em torno, com um olhar humilde de cão, alguém que o ampare. A alma supersticiosa é, na verdade, o cão que busca um amo. (ibid: não paginado)

Ortega y Gaste (1978) indica ainda que a alma reacionária em momento algum da história conseguiu transformar-se em uma alma revolucionária. Dentro de tal panorama histórico não haveria sentido em pensar em uma revolução não-violenta. No entanto, ainda que nosso sistema de expertise esteja construído com base em uma mecânica histórica e que as revoluções sejam vistas como repetições cíclicas, existe uma indicação de que o momento histórico atual tem características especiais, devido aos avanços tecnológicos que permitiram “anular a distância” (Tombei, 1987:47), mas que ao mesmo tempo “deram à humanidade também o poder de se destruir, guerreando com armas atômicas”. Ainda segundo Toynbee:

A sobrevivência da humanidade está agora em dúvida pela primeira vez, desde que o homem afirmou sua ascendência sobre a natureza não-humana - façanha que realizou em parte durante a Era Paleolítica. Desta vez, é a natureza humana que ameaça de extinção a humanidade. A repetição desta antiga ameaça para este novo momento é um desafio a todos os seres humanos para que subordinem suas limitadas e tradicionais lealdades a uma nova e maior lealdade para com a própria humanidade. (ibid: 48)

Ergas (2006:12-19) propõe como conjunção dos fatores psíquicos e factuais que conformam uma época o que chama de “dialética generacional” partindo do ponto de vista em que “a história é um contínuo produzido pelas gerações que vão lutando pelo poder e vão substituindo-se umas as outras”. Indica ainda que as gerações ao chegarem ao poder tentarão impor, sendo portanto violentas, sua paisagem de formação, crenças de trinta a quarenta anos antes, às gerações seguintes. Assim, a geração da “nova direita ou nova esquerda”, da “pílula anticoncepcional”, da “luta contra a moral estabelecida”, dos “livre-pensadores pragmáticos desestruturados” se opõe a novas gerações cuja paisagem de formação é a da “plenitude da globalização,

que para elas é como um 'dado da natureza. Essas gerações pressionarão pelos governos regionais, pelos acordos inter-regionais, por instituições globais, por tecnologias de controle global". Ergas indica também, assim como Toynbee, que este momento histórico particular em que vivemos é passível de ruptura, já que a civilização ocidental é planetária e, portanto, não haveria onde dar início a um novo ciclo civilizatório, a menos que, de dentro mesmo do sistema, a mecânica histórica baseada na violência da imposição de paisagens de uma geração a outra, fosse rompida.

Dentre as críticas a tais visões cíclicas da História, encontramos o trabalho de Collingwood, indicando que no caso específico do estudo de Toynbee esta "representa uma reiteração da visão positivista" (*in* Myers, 1947:485), pois seus métodos estão baseados em abordagens das Ciências Naturais. Spate (1952:406) também sugere que o trabalho de Toynbee "mascara seus muitos elementos de determinismo" e que ele parece não conseguir transcender o panorama de "humanismo liberal" no qual viveu quando necessário, além de apresentar dificuldades com noções geográficas.

Dentro do escopo da literatura revisada, o trabalho de Ferreira (2005: não paginado) acerca do ambiente virtual comenta que: "Movimentos entre micro-história e macro-história constituem um fluxo constantemente mutante operando por desterritorialização, assegurando assim, a criação e a conexão de linhas de fuga". A idéia principal do autor é a de que o processo de desterritorialização gera uma fluidez, um dinamismo que possibilita uma transição entre o olhar micro e macro de acordo com o interesse em pertencer ou não a determinados setores da sociedade em determinados momentos do processo histórico. Bodei (2001:79) comenta ainda que existe uma falta de interesse em gerar uma história mundial, por conta de "uma aguda desconfiança com relação aos processos de globalização e modernização". Isto daria origem a uma "percepção dividida da história" na qual:

"embora estando de fato mergulhados num fato global, mesmo podendo participar simultaneamente de acontecimentos distantes às vezes de milhares de quilômetros, o nosso sentido histórico tende novamente, por compensação com relação aos perigos do desenraizamento, a valorizar a dimensão local ou aquela privada, julgadas mais gratificantes ou mais seguras diante dos infortúnios e das misérias do planeta. Querer subtrair-se à história do mundo,

fechando os olhos aos momentos de sentido que a análise pode extrair das conexões mais amplas dos fenômenos...” (ibid: 79-80).

Novotny em seu trabalho *A dimensão humanista da história evolutiva universal*, apresentado no *Congresso Processos de Auto-Organização na História Evolutiva Universal* em Belgorod, Rússia, sistematiza as diversas críticas frente à visão de uma história no singular, afirmando que, ainda que muitos pensem a história em termos de uma decaída do homem ou um círculo de repetições, “*ambas as visões não são mais que um produto do temor*” (2004:1). O autor indica que pode haver um olhar no qual, em meio às distintas crises das civilizações, o ser humano esteja sempre encontrando uma saída para seguir com seu caminho evolutivo e que neste sentido, tais crises adquirem “um valor fundamental” em termos de aprendizagem da consciência humana.

Novotny apresenta uma série de observações fundamentais sobre as quais constrói sua concepção de História como um caminho através do qual o ser humano busca transcender sua condição humana atual em direção a uma condição humana integradora das diferenças e não-baseada na violência. (ibid: 1-3).

A primeira observação é a aceleração do avanço tecnológico que possibilita ampliar nossos recursos de memória social, percepção e planificação, demonstrando “uma clara tendência em direção à integração em um nível superior das capacidades psicológicas individuais - desde o ‘eu’ até o ‘nós’ - sem perder, ou melhor, incrementando a diversidade interna neste novo nível”. Tal hipótese encontra precedentes no trabalho de Ortega y Gasset, Toynbee e Ergas acerca da possibilidade de ruptura no momento histórico atual.

A segunda observação é a da tomada de consciência em diferentes círculos sociais e científicos, em países de diferentes níveis econômicos, da “necessidade de formas novas, qualitativa e eticamente superiores, de construção sócio-política e econômica”. Tais formas estariam voltadas não para a sobrevivência, mas para uma ampliação das possibilidades evolutivas do ser humano.

A terceira observação está embasada em uma “fratura morfológica” do sistema valorativo que orientava até então a presente condição humana, já que não existe coincidência entre a “representação interna do “alto” como um espaço onde

atuam seres dotados de sabedoria, força e bondade, e a realidade social percebida, na qual cresce dia a dia a desconfiança na capacidade e intenção dos ‘poderosos’ de resolver os problemas de que sofrem a maioria”. Tal fenômeno estaria gerando um novo sistema de valores baseado em uma profundidade interna, localizando o que é sagrado para cada ser humano em um espaço de representação mais íntimo, sendo este sagrado entendido como amplo e passível de assumir diferentes formas, não somente religiosas. Tal morfologia permitiria que, em sua ação social, o homem esteja voltado para estratégias de organização de rede, auto-gestão, interatividade e interdisciplinaridade, até então difíceis de se articular.

A quarta observação está relacionada à redescoberta do conceito de violência como algo mais amplo que sua manifestação física. O autor pontua que, por causa deste novo conjunto de valores, exista um reconhecimento também da “violência religiosa, racial, econômica, sexual, psicológica e moral, consagrando o ser humano e seu futuro como valor máximo” e que tal reconhecimento produz um número nunca antes visto de manifestações contra todos os tipos de violência que partem de culturas bastante diversas e distantes entre si ao observarem um mesmo fenômeno. Cita como exemplo o caso das manifestações contra a invasão do Iraque.

Em tais observações, Novotny parece apontar uma relação clara entre a concepção de História e a concepção de ser humano que busquei delinear ao optar pelo ponto de vista de uma história evolutiva da humanidade. Também se posiciona em relação às críticas de tal visão global colocando-as como uma opção por não acreditar na capacidade de transformação do ser humano. Em definitivo, se partimos do conceito de consciência humana ativa, intencional e da não existência de uma natureza humana, a opção por considerar a História como um processo evolutivo torna-se essencial para o projeto de revolução não-violenta a qual os participantes desta pesquisa nos dedicamos.

Sistematizo, portanto, nossa visão de história como a tentativa de romper com a condição humana, observada na dialética marxista. No entanto, tal condição humana não é vista somente como uma condição material ou social e sim como a necessidade de transcender os limites de uma economia psíquica baseada na violência.

Partindo de tal visão integrada de História e de ser Humano, conformam-se alguns questionamentos novos para a pesquisa de nossa função como orientadores: Como podemos buscar nossa forma mental epocal e as formas como esta apoia ou denigre nossa formação identitária no Movimento Humanista? Estaremos influenciados pelo espírito servil mencionado por Ortega ou pela descrença em nossa capacidade de transformação da sociedade? É importante reiterar que o estudo das obras de Ergas e Cobos tem sido parte de nossa formação como orientadores, parte da constituição de nosso sistema de expertise. Ampliar a presente pesquisa, de maneira a englobar uma dimensão histórica e como esta se constrói em nosso discurso no Movimento Humanista me parece um empreendimento importante para futuros entendimentos, ainda que esteja fora do escopo desta dissertação.